

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 4 - Educação de qualidade

O AMBIENTE ESCOLAR COMO SUPRESSOR DE IDENTIDADES¹

THE SCHOOL ENVIRONMENT AS A SUPPRESSOR OF IDENTITIES

Alisson Vercelino Beerbaum², Rosana Souza de Vargas³, Eva Teresinha de Oliveira Boff⁴,
Rudião Rafael Wisniewski⁵

¹ Pesquisa realizada juntamente ao PPGEC - Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências da UNIJUÍ

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências (PPGEC) - UNIJUÍ. E-mail: alisson.beerbaum@sou.unijui.edu.br

³ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências (PPGEC) - UNIJUÍ. E-mail: rosanasdvargas@gmail.com

⁴ Professora do Departamento de Ciências da Vida e do Programa de Pós-graduação em Educação nas Ciências (PPGEC) - UNIJUÍ. E-mail: evaboff@unijui.edu.br

⁵ Professor do Instituto Federal Farroupilha. E-mail: rudiao.wisniewski@iffarroupilha.edu.br

Resumo: A proposta deste artigo é analisar a diversidade sexual e a homofobia no ambiente educacional brasileiro, especificamente, do estado do Rio Grande do Sul, via análise do discurso obtido através de um questionário dirigido para estudantes de instituições de ensino públicas e privadas. Conclui-se que a maioria dos jovens mostra uma atitude desfavorável em relação ao grupo LGBTQIA+, desinformação sobre diversidade sexual, acompanhada de uma alta disseminação de mitos e estereótipos, resultam em atitudes homofóbicas e machistas. A escola continua sendo um dos lugares privilegiados na construção da identidade, mas ainda não está preparada para dialogar sobre a diversidade sexual e educar em respeito à diversidade afetiva-sexual.

Abstract: The purpose of this article is to analyze sexual diversity and homophobia in the Brazilian educational environment, specifically in the state of Rio Grande do Sul, by the observation of the discourse obtained through a questionnaire addressed to students from public and private educational institutions. It is concluded that the majority of the students presents misinformation about sexual diversity accompanied by a high dissemination of myths and stereotypes, plus an unfavorable attitude towards the LGBTQIA+ group that results in homophobic and sexist attitudes. The school remains one of the privileged places in the construction of identity, but it is not yet prepared to talk about sexual diversity and to educate in respect to affective-sexual diversity.

Palavras-chave: Identidade, Educação sexual, LGBTQfobia, Educação Básica.

Keywords: Identity, Sex education, LGBTQphobia, Basic Education.

INTRODUÇÃO

As pessoas que se identificam com a sigla LGBTQIA+ ou que questionam a heteronormatividade hegemônica compõem uma população que tende a apresentar problemas de saúde social e mental relacionados ao processo de integrar sua orientação de desejo neste contexto, de ter de revelar sua condição à família e ao contexto social, além do manejo da homofobia, consequência do estigma social associado à recusa da heterossexualidade imposta. Evidências empíricas sugerem que aqueles que se identificam como LGBTQIA+ estão em risco particular para a saúde mental e física (MEYER,

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 4 - Educação de qualidade

2001).

A heteronormatividade e suas repercussões, como a homofobia, são formas culturais de vitimação social que geram estresse simplesmente por ser ligado à uma categoria social estigmatizada como minoria sexual. Assim, os estudantes LGBTQIA+ precisam enfrentar vários obstáculos sociais e psicológicos que os heterossexuais não vivenciam, já que cumprem as limitações para expressão sua afetividade-sexualidade determinadas por valores sociais estabelecidos e que tem consequências negativas no bem-estar psicológico (MAYS; COCHRAN, 2001).

Nesse sentido, um dos contextos em que a maioria das experiências de discriminação e violência contra pessoas LGBTQIA+ ocorre é o escolar. Estudos sobre vitimação com amostras de jovens LGBTQIA+ baseadas na orientação afetivo-sexual dos participantes têm sido associados com depressão, ansiedade, baixa autoestima, sintomas de estresse pós-traumático, abuso de substâncias, isolamento, tentativa de suicídio e suicídio (ESPELAGE; ARAGON; BIRKETT, 2008).

Por outro lado, para saber se o status de vítima daqueles que sofreram bullying na escola permanece ao longo dos anos, estudos focados no comportamento de bullying na escola usaram as memórias de sujeitos intimidados e seus agressores (RIVERS, 2004). Os resultados de várias investigações apontam que o status de vítima parece relativamente estável ao longo do tempo e que algumas dessas pessoas continuam apresentando sintomas de estresse pós-traumático (distúrbios psicológicos) como consequência da lembrança das experiências de bullying sofridas na escola.

Além disso, estudos indicam que os participantes que sofreram bullying devido à sua orientação afetivo-sexual - ou indícios desta - tinham maior probabilidade de sofrer de depressão, ansiedade e hostilidade, mas apenas quando comparados aos participantes heterossexuais que não foram vítimas (RIVERS; COWIE, 2006). Portanto, o assédio moral que as pessoas LGBTQIA+ sofrem no contexto escolar devido à orientação afetivo-sexual constitui-se em elemento fundante de sua vida ao longo de sua trajetória escolar e posterior (RIVERS; COWIE, 2006).

Aproximadamente 60% dos jovens latino-americanos que se identificam como homossexuais ou transexuais não se sentem seguros nas escolas. Esse é o resultado de uma pesquisa de 2018, realizada entre estudantes da educação básica de sete países e apresentada em audiência pública das comissões de Relações Exteriores e Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados (BRASIL, 2018). Dos 1.016 jovens brasileiros que responderam anonimamente ao questionário online, 73% foram vítimas de homofobia, sendo que em 37% dos casos houve violência física. Em consonância, o relatório da UNESCO (2019) afirmou que jovens cujas orientações sexuais, identidades e expressões de gênero fogem à heteronormatividade tradicional são vítimas preferenciais da violência nas escolas. É importante destacar a gravidade da inadequação compelida aos jovens na construção de suas identidades pela prática de homofobia e transfobia, bem como a amplitude do desafio imposto aos professores neste sentido, pois a escola centraliza o universo simbólico da formação das identidades, tanto por apresentar o conhecimento, quanto por ser lugar de socialização – e de repressão.

Portanto, nesta pesquisa, serão consideradas as perspectivas pedagógicas – construção de relações sociais intersubjetivas e afetivas –, e sociológica – consciência de cidadania e alteridade. Neste sentido, este estudo tem como objetivo discutir as interpretações dos jovens quanto à diversidade sexual e quanto às fobias relacionadas às expressões da sexualidade, buscando compreender o que

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

os jovens pensam sobre as identidades sexuais LGBTQIA+, como elas são vividas e expressas no ambiente escolar, na família, visando desvelar suas crenças, desejos e percepções sobre a temática em estudo.

Metodologia

Adotamos a abordagem qualitativa a ser realizada por meio da análise textual discursiva (ATD) de Moraes e Galiazzi (2013). Para os autores, a ATD se configura como “[...] um processo integrado de análise e de síntese que se propõe a fazer uma leitura rigorosa e aprofundada de conjuntos de materiais textuais” (MORAES; GALIAZZI, 2013, p. 112). Assim, a ATD é compreendida como um processo auto-organizado que possui três componentes: a unitarização (separação do texto em unidades, categorização (junção do texto em categorias de assuntos semelhantes) e metatexto (reconstrução do texto a partir da interpretação das categorias criadas). Este trabalho, por meio desta sequência discursiva, visa discutir novos entendimentos que possam surgir para o tema em questão.

Nessa perspectiva, o projeto orientador do estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa na universidade à qual os autores deste artigo estão vinculados – protocolo nº 2260474. O estudo foi realizado no início do primeiro semestre de 2020 e, considerando o objetivo, partiu do convite feito a 210 estudantes de terceiro ano do ensino médio – todos maiores de idade – em três escolas do interior do Rio Grande do Sul. A adesão à pesquisa foi de 35 participantes, sendo que todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

O questionário, enviado por meio do Google Forms, inclui perguntas acerca do entendimento pessoal sobre gêneros e educação sexual, e sobre como os temas se apresentam em diferentes ambientes. A ATD proporcionou a criação de três categorias de dados: i) a dúplici concepção e confronto acerca da diversidade de gêneros; ii) a heteronormatividade no espaço escolar opressora de identidades LGBTQIA+; iii) gênero e violência homofóbica. Os dados foram articulados aos argumentos provenientes do referencial teórico, como modo de subsidiar os metatextos criados. Salientamos que foram selecionadas algumas das respostas mais importantes à temática; elas se encontram em itálico. Os sujeitos foram identificados pela letra E (estudante), seguida de um algarismo conforme enumeração dos formulários.

i) A dúplici concepção e confronto acerca da diversidade de gêneros

A diversidade sexual é espectro tão amplo quanto as possibilidades de experiências do ser sexual, pois além das orientações do desejo e das práticas sexuais estabelecidas, engloba as identidades sexuais. Falar em diversidade sexual implica questionar os estáticos padrões da heteronormatividade opositiva dos gêneros ao olhar para a infinitude de expressões de identidades sexuais. O que demanda verificar os estereótipos de gênero e seus desdobramentos – como o machismo – na repressão das orientações do desejo e das identidades sexuais pela imposição das características enfatizadas de feminino e masculino (BAZÁN, 2006; LOURO, 1999). Tais reflexões não são reconhecidas pelos jovens, pois ao serem questionados sobre o que pensam sobre diversidade sexual, respondem que:

Homossexualidade não é correto, talvez pode ser devido a um trauma de infância (E16); A diversidade sexual é entre homem e mulher (E18); Não é natural, tanto que muitos não se assumem (E22); Eu não tenho nada contra, mas não me sinto confortável em ter amizade com alguém assim, tipo, os assuntos são diferentes (E25); Sei que existe, mas ultimamente ficam querendo esfregar na nossa cara, na rua (E31); Não acho ruim desde

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

que respeitem os outros, assim, dentro de casa, se fosse pai, não me sentiria confortável em deixar meu filho vendo dois homens se beijando vá que a moda pega (E35).

As respostas demonstram que a diversidade sexual é amplamente refutada pelos jovens e as identidades sexuais não-binárias são tidas como “moda”, “incorreto” e “não natural”, refletindo mera tolerância pontual. “A invisibilidade imposta aos sujeitos LGBTQIA+ é um infortúnio construído de ideais sociais que foram estabelecidas por indivíduos em determinado tempo e espaço e que se disseminaram na sociedade, ao passo que discriminam e marginalizam os sujeitos” (BEERBAUM; WISNIEWSKI, 2018). Entretanto, há possibilidade de discussão sobre a diversidade sexual entre os jovens, ainda que discreta, pois parte do grupo aceita a homossexualidade com certa naturalidade:

Eu nunca tive colegas LBTQI+, porém, nas outras turmas percebo que eles não se sentiam muito confortáveis e acabavam fazendo poucas amizades e também havia muita “piadinha” sobre eles e acabava sendo uma situação muito incômoda pra eles e pra mim, pois não acho certo nenhum tipo de preconceito (E3); O preconceito em relação a qualquer diferença sempre existiu e nos últimos anos parece que ressurgiu com mais força. Um retrocesso total (E4); Não tive nenhum contato com alguém assumido, pois em uma escola particular e tradicional quase não se falava sobre isso, e quando era falado, era para causar desconforto a essas pessoas (E6); Sim, porém se sentiam retraídos em se assumir publicamente a respeito de sua sexualidade devido o preconceito existente na sala por alguns colegas ignorantes (E11); Sempre convivi e com certeza mantinham um convívio respeitoso, mas ao que parece, mais com os outros (não heteros) por um certo medo de rejeição! (E12).

ii) A heteronormatividade no espaço escolar opressora de identidades LGBTQIA+

A homofobia surge do pouco reconhecimento social da diversidade sexual que é inculcado aos jovens, prejudicando a formação das identidades LGBTQIA+. A rejeição e o assédio físico e simbólico criam uma situação de vitimização que continuamente é ignorada pela escola e pela família. Como resultados notórios, há a ansiedade, o isolamento, a depressão, o fracasso escolar e as ideias suicidas. A fonte de tais problemas é a desinformação quanto às identidades sexuais – mulher/homem –, quanto ao gênero – padrões sociais de feminino e masculino em relação ao momento histórico – e quanto à orientação do desejo (LOURO, 1999).

Sinais de desejo heterossexual em meninos corroboram sua identidade de homem masculino da mesma forma que deslegitimam a identidade de outros meninos que não demonstram as mesmas características ou que demonstram características relacionadas com o feminino. Este é um dos eixos da masculinidade hegemônica – heteronormatividade – cujo reflexo é a homofobia, ou seja, a rejeição e desqualificação do outro através da exposição das incongruências entre seu sexo biológico e suas expressões de sexualidade (BAZÁN, 2006). A homofobia ataca o homem que não é considerado masculino, bem como a mulher que não é considerada feminina.

As crianças são orientadas a somente expressar características que condigam com as convenções histórico-culturais referentes ao sexo biológico, ou seja, o menino deverá ser masculino e racional, e a menina deverá ser sensível e delicada. Deste modo, os jovens desenvolvem condutas inibitórias de atitudes cooperativas, respeitadas e equalizadoras, legitimando práticas que reforçam a homofobia, o sexismo e a violência de gênero. Quando questionados se já se depararam com bullying ao grupo LGTBQIA+, os depoimentos mostram que a homofobia se apresenta nas dinâmicas coletivas

Evento: XXV Jornada de Pesquisa
ODS: 4 - Educação de qualidade

relacionadas às discriminações:

Sim, várias vezes... palavras como; bichinha, putão, viadinho (E3); Sim. Infelizmente o bullying para qualquer diferença social era uma realidade (E4); Sim, era comum com todas as minorias (E6); Sim, frequentemente grupos, principalmente de meninos fazendo bullying com este grupo (E9); Não diretamente com as pessoas mas pelas costas das mesmas sim (E11); É muito comum por serem de certa forma diferentes e não sermos instruídos tão bem que essas diferenças é que nos fazem especiais, por cada um ser do jeito que é (E12); Eu perdi vários amigos quando me assumi (E20).

A homofobia potencializa o machismo na promoção da dicotomia de oposição e hierarquização de gêneros. Para afirmar sua adequação, os jovens atacam os diferentes para se colocarem como hegemônicos, disciplinando suas experiências pessoais em relação à padronização de feminino e masculino. Neste sentido, é imperativo investigar esses modelos padronizados e os valores que os caracterizam. Segundo o relatório da UNESCO (2019), 50% dos jovens LGBTQIA+ vivem a rejeição e desqualificação da sua identidade sexual na escola. 70% deles percebem atitudes negativas por parte dos professores quanto à diversidade sexual e 23% afirmam perceber atitudes positivas. Apenas 3% dos jovens confiam nos professores quanto a revelar sua própria identidade sexual. Cerca de 60% deles já sofreram violência física na escola. Sobre se já sofreram discriminação/violência física ou psicológica por colegas na escola, os estudantes responderam:

Sim, muitas vezes, talvez da 4 série até o fim do ensino médio (E1); apenas perdi amizades (E2); Sim, tanto com amigos ou colegas, quanto comigo (E5); Sim. Comentários sempre existiam, mesmo que quando nem eu sabia sobre mim (E8); Sim, não fazia amizade por ser ridicularizado publicamente com bastante frequência (E14).

O preconceito pode suprimir, de diversas formas, as identidades, devido ao seu poder de “[...] regular, condicionar ou até desconectar as relações entre as pessoas heterossexuais e homossexuais, colocando-os em diferentes posições espaciais, ora sendo centro e em outra margem” (HANKE, ORNAT e GELINSKI, 2015, p. 3-4). Os profissionais da escola também são considerados pelos jovens como opressores e agressores quanto às identidades sexuais:

Sim! Tá aí uma coisa que jamais vou esquecer, eu sofri violência de um grupo de meninos no banheiro da minha escola e pedi ajuda a diretoria da escola. Na época um orientador extremamente machista por sinal fez pouco caso do ocorrido e disse que o que eu precisava era crescer e virar macho, pois trabalharia o resto da vida com pessoas e tinha que entender que elas não eram obrigadas a me aceitar (E6). Sim, eu bati em um menino pois ele estava dizendo que minha família deveria ter vergonha de mim, aí quando fui pra direção a diretora disse que eu também “pedia” por aquele tratamento (E8); Sim. No mínimo quatro professores, em diferentes ocasiões, me ridicularizaram publicamente por apresentar trejeitos relacionados à homossexualidade (E14).

No currículo escolar, a diversidade sexual não é mencionada, e alguns jovens não acreditam ser relevante a questão, como se evidencia nessa resposta:

Não é um tema na escola, até pq nós já temos acesso na internet e na tv, e eu sendo hetero, não vejo porque eu tenho que falar sobre isso, acho que cada um com sua vida (E19).

Há também quem cite a redução da omissão da escola sobre a diversidade sexual, ainda que

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

permeada por desinformação e reiteração de estereótipos não relacionados com educação sexual, evidenciando a necessidade de uma política educacional cidadã:

Na minha época [de ensino fundamental], a instituição de fundamenta não tinha política referente ao grupo LGBTQI, hoje melhorou um pouco mas ainda tem muito preconceito (E9); Hoje é falado mais abertamente do que um tempinho atrás, existe mais expressão... enfim, as coisas melhoraram um pouco (E8); a escola que frequento sempre foi muito aberta em relação ao tema, todos são acolhidos independente do gênero, todos são tratados da mesma forma, mas no fundo acho que é só um discurso bonito (E2).

Em relação à percepção da inclusão dos sujeitos LGBTQIA+ no cotidiano escolar:

Simplesmente não existia até o ensino médio, ninguém comentava, era apenas motivo de chacota (E1). Eu não tive em nenhum momento esse tipo de discussão na escola e com certeza fez muita falta. Eu acho essencial desde cedo o adolescente ter uma compreensão melhor sobre essa temática, para que eles possam se descobrir melhor e praticar o respeito com quem faz parte do grupo LGBTQIA+ (E3). Inexistente. Acredito que todas as formas de respeito devem ser incentivadas, talvez seja medo de represália dos pais (E4). Acho importantíssima, queria muito ter essa orientação e abordagem da temática quando era mais nova na escola, teria feito muita diferença em traumas e receios que carrego até hoje (E5). Não existe uma política de inclusão ou aceitação dentro da escola o assunto raramente é comentado (E11); Por se tratar de uma escola tradicionalmente de cultura católica, não era muito abordado a temática, era tratado superficialmente para dizer que todos devemos nos respeitar, porém não abordando estritamente o conteúdo LGBTQIA+ (E12). A escola sempre se mostrou preconceituosa em relação a esse assunto (E13); Não a percebo. O pensamento é muito fechado e o assunto é um tabu no meu meio social (E14); Não existe (E6, E7, E10; E15, E16, E17, E18, E19, E20, E21, E22, E23, E24, E25, E26, E27, E28, E29, E30, E31, E32).

Tais respostas afirmam a invisibilidade da diversidade sexual, a violência das fobias sociais na escola, e a ausência de orientação por parte dos professores na superação destas ignorâncias. Isto é, os jovens sofrem a violência da homofobia sem o apoio das comunidades escolar e familiar.

iii) Gênero e violência homofóbica

A homofobia é resultado do sistema dicotômico de gêneros, que pune a inadequação e o questionamento dos papéis estabelecidos e é maior entre os meninos, segundo a pesquisa apresentada na Câmara dos Deputados. Na família, a homofobia é percebida por 26% dos meninos e 16% das meninas; entre os amigos, é percebida por 37% dos meninos e 31% das meninas; na escola, é percebida por 66% dos meninos e 44% das meninas (BRASIL, 2018). Exemplificamos:

Não tenho nada contra, antes eu tirava ele, pq ele tinha um jeitinho, agora que eu sei do colega gay não brinco mais, não sei o que dizer, e tenho medo que os colegas zombem de mim se continuar sendo amigo dele (E16).

A violência é instrumento da masculinidade tradicional para manter sua hegemonia entre as masculinidades. A invisibilidade das meninas as protege, em certa proporção, desta violência, ainda que gerem isolamento e depreciação. É natural que o sujeito queira compartilhar experiências e receber apoio para assumir seu lugar no grupo social. As mulheres lésbicas, por serem vistas pela

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

masculinidade tradicional com certo interesse fetichista, as afasta um pouco da discriminação, mas isto apenas reforça sua invisibilidade perante o grupo social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada nesta pesquisa mostrou que o sexismo, a homofobia e a transfobia são práticas presentes no ambiente escolar, ademais, mostrou que os jovens enfrentam resistência quanto à sua identidade no ambiente familiar. Entendemos que assim como a expressão, a omissão também é parte integrante do discurso e da prática escolar, uma vez que “o dito” e o “não dito” são igualmente capazes de propor significados diversos. Logo, o movimento social em prol da diversidade não é acompanhado pelas escolas que, defasadas, se tornam redutos das fobias sociais, reiteradas pela omissão de professores, autoridades institucionais e políticas públicas.

Ao contrário disso, entendemos que a escola deve ser lugar onde os valores coletivos e individuais constroem as identidades dos jovens, propondo o exercício pleno da cidadania, o respeito aos direitos humanos e à dignidade dos jovens de qualquer grupo sexual, social e cultural. Por isso, é importante que esse ambiente busque combater ostensivamente o preconceito e a desinformação que geram as violências (físicas e psicológicas) em direção ao respeito irrestrito, se opondo a qualquer discriminação, ao contrário de legitimar tais feitos à comunidade LGBTQIA+.

Sendo assim, uma estratégia educacional atenta deve atender à realidade dos jovens e formar professores com os conhecimentos e ferramentas necessários para tanto. “E um dia, finalmente, você saberá a verdade tão ciumentamente guardada: homossexualidade não é nada. Quando saímos do caminho todos os incêndios e todas as torturas e todas as mentiras e todo o ódio e toda a ignorância e todo o preconceito, descobriremos que não há nada (BAZÁN, 2006, p. 12, tradução nossa). Esse epílogo que Bazán (2006) escreveu para seu livro sobre a história da homossexualidade na América Latina encerra o presente texto, mas mantém viva a esperança de que não se encerre a reflexão e a ação a respeito do que nele foi tratado.

REFERÊNCIAS

BAZÁN, Osvaldo. **Historia de la homosexualidad en la América: de la conquista de América al siglo XXI**. v.1. Buenos Aires: Marea Editorial, 2006.

BEERBAUM, Alisson V.; WISNIEWSKI, Rudião R. As cidades e os (in)visíveis. CALLAI, Helena C.; OLIVEIRA, Tarcisio D.; COPATTI, Carina. (orgs.). **A cidade para além da forma**. Curitiba: CRV, 2018. p. 89-99.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Pesquisa Nacional Diversidade na escola**. 2018. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/sumario_diversidade.pdf. Acesso em: 22 de mar de 2020.

ESPELAGE, Dorothy L. et al. Homophobic teasing, psychological outcomes, and sexual orientation among high school students: What influence do parents and schools have?. **School psychology review**, v. 37, n. 2, p. 202-216, 2008. Disponível em: https://danecountyhumanservices.org/yth/dox/asmt_survey/2009/homophobic_teasing_psych_outcomes_parent_influence.pdf. Acesso em: 22 de mar de 2020.

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

GALIAZZI, Maria C.; MORAES, Roque. **Análise textual discursiva**. Ijuí: Unijuí, 2013.

MAYS, Vickie M.; COCHRAN, Susan D. Mental health correlates of perceived discrimination among lesbian, gay, and bisexual adults in the United States. **American journal of public health**, v. 91, n. 11, p. 1869-1876, 2001. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?output=instlink&q=info:bDUQ3v0CRqoJ:scholar.google.com/&hl=pt-BR&as_sdt=0,5&scillfp=1011188827085510165&oi=lle. Acesso em: 22 de mar de 2020.

MEYER, Ilan H. Why lesbian, gay, bisexual, and transgender public health?. **American Journal of Public Health**, v. 91, n. 6, p. 856, 2001. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1446455/pdf/11392921.pdf>. Acesso em: 22 de mar de 2020.

HANKE, William; ORNAT, Jose Marcio; GELINSKI, Adriana. Espaços e vivência interseccional de homens gays na cidade de Ponta Grossa, Paraná. IV Simpósio Internacional de Educação Sexual: Feminismos, identidade de gênero e políticas públicas, 2015.

LOURO, Guacira Lopes (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

RIVERS, Ian. Recollections of bullying at school and their long-term implications for lesbians, gay men, and bisexuals. **Crisis**, v. 25, n. 4, p. 169-175, 2004. Disponível em: http://www.pinktherapy.com/portals/0/downloadables/Family/Recollecting_Bullying_At_Schools.pdf. Acesso em: 22 de mar de 2020.

RIVERS, Ian; COWIE, Helen. Bullying and homophobia in UK schools: A perspective on factors affecting resilience and recovery. **Journal of Gay & Lesbian Issues in Education**, v. 3, n. 4, p. 11-43, 2006. Disponível em: <https://bura.brunel.ac.uk/bitstream/2438/2752/3/Bullying%20and%20Homophobia%20in%20UK%20Schools.pdf>. Acesso em 22 de mar de 2020.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Violência escolar e bullying: relatório sobre a situação mundial. Brasília: DF, 2019. Disponível em: <http://unesco.org/open-access/terms-use-ccbysa-en>. Acesso em: 22 mar. 2020.

Parecer CEUA: 2.260.474